

Sob ataque na República Democrática do Congo

TENENTE-CORONEL GERARDO TAJES, FORÇA AÉREA DO URUGUAI

“Se conheces os outros e conheces a ti mesmo, não estarás em perigo nem em cem batalhas...”

Sun Tzu



Fonte: Todas as fotos foram fornecidas pelo autor, que foi o comandante piloto da missão narrada neste artigo

Em 30 de agosto de 2013, a Força Aérea Uruguai (FAU), em missão sob o mandato da Organização das Nações Unidas (ONU) foi alvo, em território africano, por um grupo armado da artilharia antiaérea. A aeronave não foi atingida naquele momento seja pela perícia da tripulação, inexperiência dos atacantes ou apenas pelo fator sorte. Da mesma forma, este evento ensinou lições importantes não apenas para a tripulação dessa missão mas em um nível doutrinário. O propósito deste artigo é oferecer aos leitores um relato do que aconteceu, analisar as possíveis lições aprendidas e, porque não, aprender com elas.

História

Em referência aos conflitos na República Democrática do Congo (RDC), daria para escrever centenas de livros. É que não podemos encontrar, bem limitadas, apenas suas “guerras” (1996 a 1997 e 1998 a 2003) mas, os múltiplos conflitos internos com grupos rebeldes de diferentes origens, alguns deles de origem supranacional. Particularmente, uma rebelião foi provocada em 2012, quando centenas de soldados do exército congolês (FARDC) se rebelaram, quando perceberam que o acordo assinado anos antes, entre o governo da RDC e o Congresso Nacional para a Defesa do Povo não estava sendo cumprido. Desde então, eles se autodenominaram M-23 em referência a este acordo celebrado em 23 de março de 2009. Existem várias provas, refletidas nos relatórios do Grupo de Peritos¹ da ONU, que o grupo estava sendo apoiado por países vizinhos, tanto logisticamente como por recursos humanos.



Seus dois líderes, ex-membros das FARDC, eram Bosco “O Exterminador” do Ntaganda e Sultani Makenga. As capacidades bélicas do M-23 foram demonstradas em 20 de novembro de 2012, quando ocuparam a cidade de Goma (capital da província de Kivú do Norte), onde nem as FARDC nem a ONU conseguiram impedir a invasão, sitiando a cidade. No entanto, no dia 1º de dezembro, esse grupo se retirou de Goma para a mesa de negociações, mais precisamente, para Kampala (capital de Uganda), sem pensar que um dia voltariam e eles seriam muito mais agressivos.

Por outro lado, a FAU tem quase três décadas de participação na ONU. Ao longo dos anos inicialmente como parte do contingente do Exército do Uruguai; em países como o Camboja e

Moçambique, assim como com observadores militares na Geórgia, Saara, Timor Leste e Serra Leoa entre outros. No início do século, formaram os próprios contingentes na Etiópia-Eritreia (2003 a 2009) com helicópteros próprios; o contingente do Haiti entre 2008 e 2011² e atualmente na RDC. Neste último, desde 2003, está a Missão de Estabilização das Nações Unidas na República Democrática do Congo (MONUSCO). Nosso país não conta apenas com 2 contingentes e helicópteros da FAU mas também, compartilhamos o orgulho de estarmos com mais contingentes nacionais procedentes do Exército Nacional, bem como da Marinha Nacional (com unidades de superfície).

As unidades da FAU são:

- Unidade Uruguaia de Apoio a Aeródromos (URUASU), cuja missão é fornecer apoio e serviços de controle de passageiros, carga, meteorologia e rastreamento de vôo, entre outras atribuições, para todas as aeronaves da ONU no aeroporto de Kavumu, província do Kivú Sur.
- Unidade de Aviação Uruguaia (URUAVU) que desde 2010 aumentou a participação da Força. Esta unidade aérea tem base no perímetro do próprio aeroporto de Kavumu. A atribuição desta unidade é realizar operações aéreas designadas pela MONUSCO, operando três helicópteros Bell 212 em missões de reconhecimento, busca e resgate, evacuação de feridos, transporte de carga e passageiros, entre outros. A particularidade desta unidade é que é a única que realiza voos noturnos, com dispositivos de visão noturna (NVG), uma tarefa que lhe permite executar dezenas de evacuações aéreas à noite.

Ataque do M-23

Em solo congolês da ONU, de acordo com o Capítulo VII da Carta³, que afirma que o poder militar é justificado com amparo nos artigos 39 e 42 dos ditames legais internacionais que define o significado de autodefesa no direito internacional, artigo 51. Essas decisões são de responsabilidade do Conselho de Segurança (CS), que percebeu que estavam sendo desafiados por este e outros grupos rebeldes, com claras intenções de continuarem com atividades desestabilizadoras através da violência, especialmente contra civis. Então, foram acionados os procedimentos estabelecidos e o CS aprovou, em sua reunião 6943 de 28 de março de 2013, a Resolução 2098⁴. Nela, foi reprovada, veementemente, a permanência do M-23 nas imediações de Goma e suas tentativas de estabelecer uma administração ilegítimamente paralela, na província de Kivú do Norte. Como consequência, foi criada uma Brigada Intervenção (FIB) no interior da estrutura do MONUSCO, sob o comando direto do Comandante da Força e com a responsabilidade de neutralizar especialmente os grupos armados M-23. A FIB seria composta por três batalhões de infantaria, um de artilharia, uma companhia de reconhecimento e forças especiais, inicialmente em um número próximo de 3.000 efetivos provenientes da Tanzânia, Malawi e África do Sul. Esta unidade contava com Goma para operar unilateralmente ou em conjunto com as FARDC, sempre sob estrito cumprimento do direito internacional e do direito internacional humanitário. A partir daí, havia uma tênue linha de interoperabilidade, onde havia milhares de efetivos que não pertenciam ao FIB mas indiretamente operavam e apoiavam o mesmo mandato da bandeira azul. Em suma, uma nuance cinza da situação.

Em 22 de agosto, começaram os ataques deliberados das tropas da ONU contra as posições rebeldes. Agora era verdade, a MONUSCO estava aplicando o “2098”. Enquanto isso, a situação na Kavumu era quase normal, parecendo de outro mundo, apenas com a particularidade de, de vez em quando, ver surgirem helicópteros de ataque MI-24 Hind das FARDC totalmente artilhados e horas mais tarde retornarem vazios. Em 23 de agosto, recebemos informações de que os ucranianos Mi-24 da ONU haviam começado a “conquistar” alvos rebeldes e que estes também haviam percebido um incêndio leve em suas estruturas. No dia 28 começaram os incidentes nos

capacetes azuis, com feridos, quando um soldado da FIB (África do Sul) foi ferido. Nas primeiras horas, a pior parte estava sendo levada pelos membros das FARDC com dezenas de feridos entre suas tropas. Mas nesse mesmo dia, em um confronto, um oficial da Tanzânia foi abatido sendo a primeira vítima em combate pelo FIB. Horas subsequentes, o M-23 começou a usar canhões sem recuo, tipo GSP 73 mm e seus objetivos, principalmente, a população civil, disparando indiscriminadamente para a cidade. A escalada da violência aumentou incrivelmente e com ela os feridos e mortos não apenas militares, mas também civis.

A escalada da violência aumentava incrivelmente e com ela os feridos e mortos, não apenas militares mas também civis.

Em 29 de agosto, pela manhã, a Quartel General da ONU em Kinshasa, solicitou por meio da Ordem de Operações, a disposição imediata de um helicóptero Bellan 212 com capacidade de NVG, para se posicionar em Goma (principalmente para tarefas de observação noturna), no momento em que um segundo Bell 212 do URUAVU teve que ser mantido “Stand-By” em sua base sul por missões de SAR (busca e resgate) se fossem requeridas.



Prontamente as equipes realizaram um detalhado *briefing* da situação, enquanto o pessoal técnico preparava a aeronave. Nesse meio tempo, através do Oficial de Inteligência (A-2), foi recebida informação que os rebeldes estavam perto de 15 km de Goma, na área geral de Kibati. Havia até mesmo informações de fontes confiáveis que, deste local, o M-23 havia atingido um vilarejo ruandês chamado Mudu Vudu de Gisenyi, causando pelo menos 2 mortes. Em contra-

partida, os helicópteros de ataque da ONU MI-24 dispararam foguetes e cartuchos de 12,7 mm em direção aos rebeldes.

Enquanto isso, a união existente no URUAVU se refletia em cada membro, que com vontade e comprometimento, realizava suas próprias tarefas para que, uma hora após a chegada da ordem de implantação, o Bell n° 212 UN-852 decolasse para Goma. O helicóptero chegou ao aeroporto do mesmo nome às 13.30 horas e, uma vez no solo, detonações podiam ser ouvidas à distância. A operação nos contingentes militares do aeroporto foi árdua quando eles viram os helicópteros indianos HAL Chetak decolarem para o que seriam vôos de reconhecimento.

Sem dúvida, o poder aéreo neste tipo de conflito é de grande importância, embora desde o início, se soubesse que a MONUSCO tinha escassez de helicópteros para o seu exercício na RDC. Talvez essa falta de meios, em termos de quantidade, poderia dificultar muito o alcance de um efeito abrangente sobre o aparato inimigo. Na minha cabeça, me perguntava se havia um estudo detalhado de pelo menos um centro de gravidade decisivo e se tudo estava planejado em detalhes. Também era verdade que minha tarefa não era o envolvimento direto nessas batalhas (porque foi isso que nossa LOA (“Letter of Assist”) especificava, e que, essa “guerra” de alguns de seus participantes, não eram dos mesmos povos. Porém, eu não conseguia parar de pensar na fina linha, na tonalidade cinza... onde todos nós éramos capacetes azuis, com helicópteros brancos e em defesa da população civil. Esse pensamento, qual eu não havia tido anteriormente, aconteceu na minha caminhada da linha de vôo para as Operações, talvez quinhentos metros, onde era um pensamento recorrente.

Estávamos em um container existente como sala da tripulação e, embora não houvesse ordens, decidimos perguntar nas principais agências de notícias, as últimas sobre o que aconteceu nessa área. Além disso, no melhor estilo HUMINT (inteligência humana), perguntamos cordialmente sobre os civis que trabalhavam na limpeza, para saber em primeira mão o que eles pensavam. Incrivelmente (como aconteceu, um ano depois, em um desdobramento subsequente,) nem todos pensavam que os rebeldes estavam totalmente errados; na verdade, apoiavam a filosofia do M-23. Sem dúvida, esse conflito irregular estava ganhando corações e mentes da população mais fraca e até analfabeta, que não se sentia representada por seu governo; e, por isso, apoiava até mesmo as atrocidades do M-23. Infelizmente, eles não seguiram a sequência quase lógica de que se, hipoteticamente vencessem, a ONU iria embora; eles perderiam o emprego com a consequente modificação da ordem social e sabe-se lá mais o que...

Diziam, no noticiário local, que as forças opostas eram muito numerosas e agressivas, com armas sofisticadas e bem montadas. Suas manifestações eram em pequenos grupos, o que dificultava sua identificação, além de usarem os mesmos uniformes (os que usavam) das FARDC.

Missão de reconhecimento

Parte do contrato com a ONU, a FAU em sua LOA mencionava que para voar com a NVG numa rota noturna, tinha que ser feito um treinamento de dia e depois de noite para poder operar nessa rota específica. Assim sendo, na eventualidade de ter que se aproximar de uma das bases operacionais da FIB chamada Sake, um vôo foi preparado no final da tarde para que o Bell 212 pudesse realizar o vôo diurno e com a chegada da escuridão seria usada, nesse mesmo dia, para uso operacional em breve. O *briefing* missão começou depois das 4 da tarde, com um oficial da Força Aérea dos USA, que tinha em seu uniforme o distintivo composto de globo, galhos ao lado e uma chave, um sinal inconfundível de pertencer à comunidade de inteligência. Também estavam presentes pilotos ucranianos “Hind” que já tinham experiência de combate. Eles nos deram a situação atualizada até o momento (ou era isso o que pensamos) sobre as posições do M-23. No final da reunião, mencionei que, de acordo com a nossa LOA, pelo menos um deles tinha que voar conosco uma vez que era o estipulado por nossos regulamentos, os quais especificavam pelo menos um Observador para um vôo de reconhecimento. Depois de determinar orden aos seus

comandados, o oficial americano se juntou à tripulação. Fomos até a máquina e adotamos medidas de segurança, entre as quais, colocar os coletes pessoais à prova de balas sob nossos assentos, já que o Bell sendo um helicóptero civil não tinha blindagem em sua estrutura.

Depois de um breve *briefing* na cabine, compartilhei com a equipe, meu planejamento em detalhes, O mais importante era ter em mente que o M-23 possuía RPG (granada propulsora por foguete) e que tinha um alcance efetivo de quase 1.000 milhas. O raio de curva a 90 nós do Bell era de 0,5 milhas náuticas (NM), e isso me daria uma margem extra começando a curva 2 NM da posição na carta, circulando, quase na encosta sudeste o vulcão Nyragongo, uma montanha de mais de 11.000 pés e em atividade, com seu adorno característico de enxofre.

Decolamos por volta das 17:00 horas e começamos a subir em espiral vertical acima do aeroporto e cruzando 4000 pés sobre o terreno, em direção a Kibati. Identificamos com o co-piloto a torre tripla (local onde o M-23 também estava e que não tinha armas pesadas) começando como planejado mudando a 2 NM do ponto. Enquanto isso, continuamos subindo cruzando aproximadamente 8.000 pés. Quando fizemos uma direção oeste completa, totalmente divergente da zona hostil e com mais de 9.200 pés e em ascensão contínua, o impensável nos aconteceu. Note-se que a minha tripulação além do meu copiloto, era composta por dois engenheiros de voo, respectivamente “Pato” e “Gomito”. Cada um monitorava o seu lado; Gomito à minha direita e Pato à minha esquerda. Quando comecei a virar à esquerda, sem saber Pato se aproximou, momentaneamente, do lado direito para tirar uma foto rápida da janela. Nesse momento, quando ele estava há alguns segundos para acionar a câmera, começou a ver traçadores vindo em nossa direção. Isso fez com que ele gritasse no interfone: “eles estão nos atirando!”. Como não tenho olhos no pescoço, minha reação principal foi virar para a direita e interromper rapidamente a subida. Foi nesse momento que o copiloto, que estava com a situação mais clara, me disse pela esquerda, e depois em fração de segundos foi que olhei fugazmente para trás e vi os dois engenheiros no lado direito, assumindo imediatamente que estávamos voltando para a artilharia antiaérea. Tudo foi rápido e intranquilo. Começava-se a ver os projéteis subindo rapidamente de ambos os lados e excedendo nosso nível de voo que era pouco mais de 9.200 pés. Rapidamente virei para a esquerda direcionando para baixo... quando o barulho do helicóptero começou a indicar que estava ganhando velocidade. O Copiloto e eu não perdemos a consciência da situação pois rapidamente lembramos dos cálculos feitos e sabíamos que, para o peso e altitude da missão, nunca deveríamos exceder 105 nós. Então corrigi a altitude de descida para mais leve enquanto começamos suavemente a ziguezaguear. O helicóptero estava lerdo; o ciclo tinha que ser feito muitas vezes para obter uma resposta devido à altitude e ao calor, o que eu tinha praticado tantas vezes, nas minhas velhas unidades, como foi o Esquadrão Avançado de Voo e que consistia em manobras evasivas diante de um ataque, era agora uma realidade com a diferença que desta vez, não era o manobrável Pilatus PC-7U e muito menos velocidades perto de 200 nós. Agora era um helicóptero e em apuros reais. Meu copiloto examinou seu lado e por um rádio interno fizemos a ligação para nossa base, que ficava perto de 90 km de distância e sabíamos que, com essa altura, tinha um bom alcance. A cabine estava quase em silêncio. *Olympo, Olympo*, este é o 852, estamos sendo atacados pela artilharia inimiga. Não me lembro realmente qual foi a resposta ao relato mas, com certeza houve pois mais tarde nos disseram que tinham tomado conhecimento por esse meio. Continuamos descendo e estávamos quase acima da cidade de Goma; os vestígios haviam parado e terminamos com outra curva para o aeroporto. A adrenalina estava no ar, senti o gosto de metal enferrujado na minha boca e não estávamos claros sobre o tempo entre os tiros e o pouso. Acho que não foi mais do que 4 ou 5 minutos. Pousamos, desligamos e descemos quando a alavanca foi parada pelo sistema de freios manual. Todos nós olhamos para onde eles nos atiraram. Lá estava o majestoso Nyragongo e ao seu leste se podia ver como uma parte ainda lançava trazadores; mas, desta vez, com o seu disparo totalmente horizontal contra uma posição no solo. Peguei meu celular e registrei a situação, que ainda guardo como lem-

brança. Quando me virei, conversei com o observador extra e fiquei surpreso quando ele disse: “sorte que nós temos blindagem”.

As lições

A determinação estava sendo cumprida e embora não estivéssemos diretamente envolvidos, reafirmamos que para os rebeldes e sua situação desfavorável, todos os capacetes azuis e veículos brancos eram certamente seus inimigos. Portanto, todo planejamento devia ser levado a sério sem intervalos nem tópicos não tratados. A partir do incidente e mais adiante, continuando mais de meio ano na posição de Chefe de Operações e em conjunto com as diretrizes emitidas pelo Comandante do Contingente, certos procedimentos de risco operacional e a aceitação de certas missões foram reforçadas. Um desses passos era exigir informação atualizada e detalhada sobre a situação da inteligência levando em conta que, embora isso tenha sido feito, a falta de informações resultou em um tempo ruim para toda a tripulação. Ou seja, menos que isso, seria causa suficiente para não aceitar a missão. As ROE (regras de engajamento) foram decompostas, dando exemplos, até ficarmos sem elas, para que todos os membros das tripulações e inclusive integrantes membros do contingente longe das atividades aéreas se envolveram. Fora do continente africano, a perspectiva de estratégia nas tripulações de planejamento de helicóptero compatriotas reforçou o treinamento que é feito no Uruguai, diante de possíveis eventualidades como as que ocorreram. Um segundo aspecto importante, foi a abertura para ter um canal extraoficial na cadeia de comando da ONU, com um contato de um Oficial Superior aposentado do Exército Nacional e membro do Centro Conjunto de Análise de Missão. Isso permitia, minutos antes de qualquer voo, fazer uma ligação em espanhol e saber desse analista a situação da inteligência, conhecendo nossa operabilidade, capacidades e idiossincrasias. Deixamos de lado, a partir daquele momento, as informações pobres e desatualizadas que talvez servissem para fins administrativos porém não para uma unidade aérea como a nossa. Não menos importante, éramos uma fonte ativa de coleta de dados; portanto, nesse mesmo canal, fornecíamos informações para processamento. Indubitavelmente e não intencionalmente, às vezes o sistema burocrático da ONU, seus passos através de mesas e canais civis e militares, tudo acontece não antes de várias horas ou dias. Isso resultou em excelentes informações para nossa célula A-2, nos ajudando-nos a formar ideias e tomar decisões muito mais precisas. Nós poderíamos nos sentir um pouco mais familiarizados com as fases de operações; tal ênfase torna a nossa doutrina com base em uma estrutura familiar sem, até então, um Centro de Operações Aéreas Conjunta, porque não existia ou porque simplesmente constituíamos um nível muito tático⁵.

A confiança dos oficiais com seu pessoal técnico foi reforçada, especialmente na tomada de decisões, envolvendo-os muito mais e ouvindo como bons líderes, sugestões e preocupações que eles poderiam ter diante da situação que estava sendo vivida naqueles dias em solo congolês, sem esquecer que sempre o piloto comandante é quem toma a decisão final.

Não foi fácil para nós estarmos em uma cena de operações com níveis operacionais que não conheciam em detalhes as capacidades táticas aéreas. Essa mudança de mentalidade implantada na unidade permitiu-nos exigir certas orientações; não dar as coisas como garantidas e penso, na equipe, serviu para renovar os esforços sempre com o objetivo de não pôr em perigo as tripulações.

Houve várias outras implementações com nuances da missão anterior deixando claro que, profissionalismo e vontade são duas características que andam de mãos dadas e nunca deveriam ser separadas. A M-23 foi derrotada muito tempo depois que obtiveram melhorias de armas, melhorias em uniformes e recursos, mas foram literalmente esmagadas pela superioridade dos capacetes azuis e pelo desempenho determinado das FARDC.

Em 29 de agosto, importantes lições doutrinárias também foram dadas para a FAU. Em várias missões posteriores onde havia dúvidas sobre o conhecimento das capacidades da unidade, mas pouco solicitando se comportar a Bell como um enorme veículo aéreo não tripulado (UAV),

estas missões foram rechassadas, sempre com o apoio do Estado-Maior Geral da FAU do nosso país. Mais de uma vez nosso Comando teve que dar explicações através do canal diplomático em Nova York, sobre a recusa em realizar uma missão confiada, primando pelo bom senso o bom e considerando algum erro de planejamento que levou ao pedido para isso. Isto talvez o mais importante, que a comunidade internacional (a ONU) entendeu que, uma missão proposta por alguém atrás de uma mesa e sem conhecimento aéreo, poderia redundar numa missão só de ida e sem volta. A decisão do comandante da aeronave foi endossada não só pela cadeia de comando da unidade de vôo mas também pela Força Aérea Uruguaia a 9.000 km de distância e mais do que a FAU, da política externa do país.

Quando você decide colocar o uniforme militar com a bandeira do Uruguai em seu braço, você deve entender que deve deixar de lado as crenças pessoais ou religiosas de lado e está obrigado a respeitar um conjunto de valores e crenças onde sua “bíblia” é a Constituição e a Carta da ONU. Assim, a presença de tropas uruguaias mescladas na cooperação internacional é essencial para que nosso país continue cumprindo sua estratégia. Parte disso se reflete em nossas regras, onde alguns dos objetivos de natureza estratégica são contribuir para a manutenção da paz e segurança internacionais através da contribuição do fortalecimento da ONU, de acordo com a política externa Uruguaia e de acordo com os termos do Lei de Defesa Nacional⁶.

Conclusões

Lições aprendidas em nível profissional, estudadas e trabalhadas no ambiente correto como a Escola de Comando e Estado Maior da Aeronáutica (ECEMA) no Uruguai, podem ser muito úteis. Este é um dos institutos de formação de doutrina em nosso país, que nos ensina o amadurecer como oficiais, a essência na qual devemos acreditar. A doutrina básica aeroespacial da FAU estabelece a estrutura em que a instituição deve se desenvolver, como um componente do poder militar da nação. É nesse aspecto que a doutrina serve de guia definitivo e é aceita por todos tanto no tempo da paz como da guerra. Eles expressam diretrizes para realizar diferentes operações aeroespaciais e, o mais importante, é que a doutrina não seja estática. Nossa doutrina evolui em resposta à experiência, novas tecnologias e uma infinidade de outros fatores. Desta forma, a doutrina deve ser continuamente revalidada e nunca deve ser considerada dogma. Como componente de criação, se nutre de fontes como a história, a teoria, a estratégia e a experiência. A FAU tem uma história muito rica respaldada nos 105 anos de existência. Quanto à teoria, nosso recurso mais valioso, o pessoal, é continuamente treinado não só a nível nacional mas em exercícios internacionais, como são a Sistema de Cooperação entre as Forças Aéreas Americanas (SICOFAA) ou o CRUZEX, sob doutrina idêntica à da OTAN. Conceitos de comando do componente aéreo da força conjunta entre outros, são ensinados a cada vez aos jovens oficiais, desde suas primeiras hierarquias. Somente nesses dois exercícios mencionados como exemplos, a FAU participou e participa fora das fronteiras com meios aéreos e pessoais, com países qualificados como primeiro nível. O controle centralizado e execução descentralizada são princípios fundamentais de comando e controle, algo assinado a fogo e que pregamos, como exemplo, fornecendo aos aviadores a capacidade para aproveitarem dos princípios do Poder Aeroespacial como a velocidade, flexibilidade e versatilidade. Não há dúvida de que esses homens devem ser proativos para aprender. E isso é parte da estratégia de Comando, para ser um pequeno exemplo e referência a nível americano e de acordo com as possibilidades de nosso país, sem deixar de ser profissional. Ficou demonstrada a importância do uso de serviços de inteligência, vigilância e reconhecimento (ISR). Embora seja um conceito utilizado no Uruguai através do Serviço de Sensores Remotos Aeroespaciais, repotenciado ultimamente com unidade de reconhecimento aéreo que está sendo criado, a ONU tem implementado anos após o incidente descrito, a aquisição de UAV contra outros elementos rebeldes tais como Forças Democráticas Aliadas-Libertação

Nacional de Uganda, dando excelentes resultados, permitindo hoje em dia estudar as rotas e os padrões de comportamento de grupos rebeldes, sendo uma excelente fonte de reconhecimento e vigilância para a produção de inteligência, introduzindo MONUSCO em uma nova era de consciência situacional (SA).

Em relação à experiência... pairou varias vezes pela minha cabeça o que teria acontecido se eles me derrubassem? Sou mais que afortunado pelo meu trabalho, mas não nego as consequências e perigos que existem na minha profissão. É por isso que ainda sou fiel defensor de que são necessárias mulheres e homens na Força Aérea quem avaliem situações com clareza, que analisem a situação e que digam o que eles precisam ouvir.

A FAU realiza treinamento de resgate em combate, já que o resgate de pessoal é uma realidade intrínseca em nossa filosofia. Incidentes como os anteriores apenas reafirmam o conceito que pode nos tocar a qualquer momento pelo único fato de nos despegarmos do solo. Talvez nós imaginemos que quando nossos superiores são de outros componentes, eles podem não entender imediatamente a importância de uma missão de CSAR, como nós temos as pessoas do ar. Mas é certo que, no mundo a arma aérea fará tudo o que estiver ao seu alcance para salvar suas tripulações. Não por essa razão, não sabemos que se algo tivesse acontecido em 30 de agosto, nem o Comando URUAVU nem seus subordinados comandos, tinham autoridade para enviar algum resgate (mas essa é outra questão).

O URUAVU mudou alguns procedimentos. Hoje até os artilheiros laterais conhecem em detalhe o uso de GPS, navegação em carta e assistem ao *briefing* da missão. Nunca se sabe quando eles serão os únicos treinados para assumir a liderança na evasão em território hostil. Antes esta foi apenas a teoria... agora é uma realidade, prática realizada diariamente. Um verdadeiro líder deve promover a comunicação entre os membros da equipe, criar um ambiente agradável e ouvir a hierarquia inferior. Talvez antes, isso não acontecia... os tempos mudam. O conflito no Congo será finalmente uma vitória quando os congolezes o alcançarem. Assim, a principal função da comunidade internacional e da ONU não é vencer a luta mas orientar e fortalecer a sociedade congoleza para que ela obtenha a capacidade de ter sucesso pessoal. □

“Nós lutamos com maquinárias, mas ganhamos as guerras com pessoas”

General George S. Patton

Notas

1. Relatório final do Grupo de Peritos sobre a República Democrática do Congo, 2014. <https://undocs.org/es/S/2014/42>.

2. Também com aeronaves de transporte da FAU.

3. Carta das Nações Unidas, 26 de junho de 1945 <http://www.un.org/es/charter-united-nations/index.html>.

4. Conselho de Segurança da ONU, Resolução 2098, de 28 de março de 2013. [http://www.undocs.org/s/res/2098\(2013\)](http://www.undocs.org/s/res/2098(2013)).

5. Tenente-Coronel Paul J. Maykish, Aumento da importância de C2: Visão histórica de nossa vantagem crítica. http://www.airuniversity.af.mil/Portals/10/ASPJ_English/Journals/Volume-28_Issue-1/2016_1_08_Maykish_s.pdf.

6. Lei do Marco da Defesa Nacional, 18650, promulgada 19/2/2010. <http://www.impo.com.uy/bases/leyes/18650-2010>



Tenente Coronel Gerardo Tajés. Diretor de Relações Públicas da Força Aérea Uruguaia (FAU). Hoje em dia, é piloto Comandante designado para o Esquadrão Aéreo Número 5 (Helicópteros), com mais de 2.200 horas de voo em fuselagens fixas e giratórias. Atualmente, é piloto instrutor de UH1H, treinado na Aviação do Exército Argentino e piloto principal do Bell 212. Trabalhou na África, em quatro desdobramentos, sob a bandeira das Nações Unidas, acumulando mais de 1.000 horas, nas operações da UNMEE na Etiópia e MONUSCO, na República Democrática do Congo, completando 44 meses na área da missão. Formou-se na Escola Militar da Aeronáutica, graduado no Curso Superior de Comando e Curso do Estado-Maior da Escola de Comando e Aeronáutica da FAU.